

COMO ISRAEL SE TORNOU POVO?

Terminávamos a aula falando das rotas que interligavam a Palestina dos tempos bíblicos. Bem antes de Israel se constituir povo na Palestina, essas rotas e esses caminhos já eram percorridos por muitos outros grupos, populações de cidades, comerciantes com suas caravanas, soldados, agricultores e pastores seminômades, clãs se deslocando para se fixarem em outras regiões, sem falar de um considerável grupo de pessoas em condições sociais e econômicas precárias. Endividamento, crimes e outras causas fazem esse grupo perder as raízes em suas aldeias e cidades. Para escapar à escravidão por dívidas esse grupo conhecido como hapiru se refugiava em outros territórios. Especialmente também grupos que formariam o futuro Israel participavam dessa mobilização geral de grupos populacionais.

Como Israel se tornou povo nesse contexto de mudanças?

1- As cidades e os grupos patriarcais

As cidades principais da Palestina estavam situadas ao longo das planícies junto à Via Maris (Gázer, Afec, Meguido, Hazor) ou em lugares estratégicos do Caminho Real. Entre 1550 e 1200 aC, a época do Bronze Recente, grandes mudanças ocorriam. Quem até então dominava a região do corredor siro-palestinense era o Egito,

mas seu poder estava em decadência. A Palestina constituída de grande número de mini-estados, as chamadas cidades-estado, vivia na condição de subalternos, servindo ao Egito, mas também usufruindo dessa condição. Várias cidades-estado eram verdadeiras bases do império Egípcio. As tropas precisavam ser supridas com o que fosse necessário; as caravanas de comerciantes podiam contar com a proteção das cidades fiéis ao Egito ao longo das rotas. Naturalmente, para tal serviço cobravam pedágios e tributos.

Com a decadência do poder egípcio esse sistema urbano entra em colapso. As cidades-estado com seus pequenos territórios da área rural entram em conflito um com o outro. Sem poder contar mais com o Egito, esses reis e governantes começam a guerrear entre si, destruindo-se mutuamente. As famosas cartas de El-Amarna, uma correspondência mantida entre os príncipes das cidades-estado com o império egípcio, nos dão uma visão dessa época de tensão social em toda a Palestina desde o sul até costa siro-fenícia. Houve que se aproveitasse dessa fase de fraqueza do poder egípcio procurando estender sua influência sobre cidades vizinhas. As cidades com alguma força econômica própria se afirmavam diante de outras mais fracas. Movimentos de rebeldia contra o domínio egípcio se articulavam ameaçando cidades e sua aristocracia. Os hapirus, excluídos do sistema social, se organizavam ou se aliavam com cidades anti-egípcias para combater as cidades pró-Egito. Outros hapirus se juntavam ao grupo oposto, pró-Egito, acreditando lutar por melhores condições de vida dessa forma. Talvez o nome hebreu tenha sua origem

dessa palavra hapiru e seja sinal de que Israel lá nos primórdios abrigou parte desses inquietos hapiru e seus chefes em seu meio.

As monarquias desses mini-estados geraram desníveis sociais, tanto na cidade quanto nas aldeias rurais. As terras ficavam na mão do rei e da aristocracia, gerando miséria, perda dos meios de produção dos agricultores, restando a eles a fuga para um assentamento na região montanhosa longe do alcance dos monarcas das cidades.

Nas regiões montanhosas de Efraim e Judá, de difícil acesso para quem circula pela rota litorânea, outros grupos ganham força. São os seminômades, pastores criando seus rebanhos de ovelhas e cabras, praticando uma agricultura de sobrevivência nesses espaços fora do alcance dos territórios das cidades-estado. Pastores tornando-se pequenos agricultores. Um processo que duraria alguns séculos, desde a decadência das cidades até o início da monarquia (Séc, XII até séc. X). Ainda, no 7º século sabe-se do clã dos recabitas que se insistia em morar em tendas (Jr 35,2). Parece que Israel não conseguiu mais apagar da memória que parte de suas origens como povo tem a ver com a sedentarização, isto é, com seminômades que se fixam permanentemente na região montanhosa da Cisjordânia e nos planaltos da Transjordânia. Esses grupos de clãs, descritos nas histórias dos patriarcas, podem ter sua origem nesse passado de pastores que entram em contato com santuários dos cananeus. Jacó em Betel, região montanhosa de Efraim (Gn 28); Abraão em Hebron na região montanhosa de Judá

(Gn 18). Esses grupos parece que vão interagindo com restos da população cananéia. Como terá sido esse encontro entre agricultores cananeus e semi-pastores ou semi-agricultores. Será que a experiência com a religião das cidades-estado foi tão negativa para os sobreviventes que os grupos de pastores puderam trazer novas influências a partir de seu Deus?

Com a perda da hegemonia egípcia sobre a Palestina, a presença forte de povos do mar se fez sentir; primeiramente no próprio Egito, mas foi na planície sul da Palestina, entre a Sefelá e o Mediterrâneo que o grupo dos filisteus fundou suas cidades-estado com novo vigor. Vieram para ficar e ocupar o vazio deixado pelo império egípcio. A entrada do povo dos filisteus na Palestina marca o início da época do Ferro. Seus carros de combate e suas armas são feitas desse metal, evidenciando assim sua superioridade tanto sobre as cidades-estado cananéias remanescentes quanto sobre os grupos de agricultores-pastores das montanhas. Os agricultores dependem de ferreiros filisteus para afiar suas ferramentas de cultivo. Também esses clãs das montanhas de criadores de animais de pequeno porte e de agricultores travam contatos com esses novos moradores da planície que até dá o nome à região em que se fixaram: planície filistéia. Davi, aquele que seria o futuro rei de Judá e Israel, prestou serviços com o seu bando a filisteus.

Na Transjordânia alguns clãs e tribos deixam logo o estágio intermediário de organização política e formam os reinos de Amon,

Moab e Edom. Curiosamente, os clãs das montanhas da Cisjordânia passam por um processo diferente. Organizam-se como tribos em diferentes regiões. Por exemplo, os da região de Judá passam a chamar-se de tribo de Judá; a tribo de Efraim ganha o nome a partir das montanhas em que moram. Que influências culturais teriam sofrido? Agricultores e hapiru cananeus trocando com pastores à caminho da agricultura. Talvez o nome hebreu venha desse contingente de cananeus que perderam suas raízes e que se inseriram nas aldeias das montanhas.

Com exceção de algumas cidades-estado cananéias, que sobreviveram a essa revolução urbana e à crise do império egípcio, formavam um verdadeiro cinturão de cidades na região de Judá em torno de Jerusalém e outra no vale de Jezrael. Os clãs e as tribos das montanhas ficaram, por assim dizer, divididos em dois blocos de tribos, desenvolvendo características próprias. As tribos do norte (Israel) e as tribos do sul (Judá) de fato tinham tradições próprias apesar de adorarem o mesmo Deus, Yahveh. Apenas no século X, com Davi e seu filho Salomão, as duas ligas de tribos se uniram sob uma só monarquia por algumas décadas.

As tribos israelitas em geral devem ter ocupado territórios com vazios populacionais; uma ou outra vez conquistaram uma cidade através de um assalto de surpresa (Jz 18,27-28) ou da traição Jz 1,22-25. Vai de regra, porém, Israel quando descia das montanhas para estabelecer-se na planície precisava conviver com cidades cananéias e sua população. Em Jz 1 temos uma lista

interessante de cidades que os israelitas não puderam conquistar. A tribo de Manasses que ocupava também parte da planície de Jezrael precisou conviver com cidades cananéias (v. 27). Aliás, um dos textos mais antigos do Antigo Testamento fala de uma ação conjunta com outras tribos da redondeza sob a liderança de Débora para lutar contra cananeus. O poema de Débora canta a vitória tributada ao Deus das montanhas israelita (Jz 5).

2 - O grupo de Moises

Ainda temos que falar de uma influência inegável de um grupo ligado ao nome de Moisés. Teria sido ele que revigorou a vida e fé das comunidades, aldeias e cidades israelitas, fortalecendo o elo e ligação entre os grupos.

Em prosa e verso essa história do êxodo, como é conhecida, fala daquilo que seu Deus teria feito em relação a seu povo e em relação ao Egito. Relacionar a derrota do Egito, que deixou suas marcas em todo o território, desde as cidades da planície no sul até as da planície de Jezrael no norte, é uma confissão de fé ousada dos clãs e das tribos.

Essa narrativa foi contada de geração em geração; com ela israelitas e judaítas sobreviveram a crises e ameaças de extinção durante toda sua história. Com a história do êxodo Israel não quer responder a perguntas do tipo “como aconteceu” mas muito mais a

questões como “o que significa adorar a esse Deus que liberta da opressão, escravidão e devolve a liberdade”.

Nossos conhecimentos históricos sobre o grupo que experimentou libertação do Egito são mínimos, mas o testemunho de fé é eloqüente.

Quem derrubou os cavalos e os condutores dos carros de guerra do Faraó no mar, não o faria com os novos senhores que querem se tornar donos das montanhas: os filisteus, por exemplo? A quem pertencerá a terra, aos filisteus das cidades da planície ou às tribos e aos clãs das montanhas?

O povo do Antigo Testamento preserva em sua memória a experiência com um Deus que quer a liberdade e não o trabalho forçado.

Quantas vezes essa liberdade experimentada como dádiva de seu Deus estava ameaça.

Internamente em Israel grupos se levantavam como novos senhores de seus irmãos. Houve até rei que exigia trabalhos forçados de seus súditos israelitas, como foi o caso de Salomão. Especialmente as tribos do norte tinham essa Memória do êxodo bem presente, fazendo-as resistir aos planos de perpetuar essa situação com a subida ao trono do filho de Salomão sobre o reino unificado.

Ainda 5 séculos depois, quando Israel amargava a situação de povo deportado na Babilônia (587 aC), essa história ganha

novas cores e uma atualidade surpreendente. É interessante ler as histórias de Ex 1-15 sob essa perspectiva.

Mas voltemos mais uma vez ao período em que as tribos não formavam uma grande unidade como ela aconteceu com os primeiros reis.

3 - Clãs e tribos numa só fé

Chama a atenção que seus vizinhos no outro lado do Jordão já haviam constituído seu reinos: Amon, Moab e Edom. As tribos de Israel ainda resistiam à formação de sua monarquia.

Terá sido a má experiência com reis nas cidades cananéias que estava presente na memória das tribos?

Os livros de Josué e Juízes falam desse período de transição. Especialmente as narrativas dos juízes retratam essa figura de liderança que ainda não é rei, mas já desempenha uma função importante no âmbito da tribo. As histórias de Gedeão em Jz 6-8 deixam transparecer que havia uma vontade aqui e ali de elevar à condição de rei alguma liderança após um sucesso em alguma batalha com a tribo da redondeza ou povo vizinho.

Mas, via de regra, um conselho de anciãos exercia a liderança nas aldeias de uma tribo ou em cidades, já em poder de israelitas. Questões jurídicas mais complexas talvez fossem levadas a alguma

liderança que se destacasse no âmbito da tribo ou até além dos limites dela.

Uma lista com nomes dessas figuras, conhecidas como juízes menores, parece encontrar-se em Jz 10,1-5. Aliás, chama a atenção de que esses juízes eram pessoas com algum poder político e econômico.

Agora, situações que ameaçavam o todo da tribo exigiam outras medidas de emergência. O saber jurídico e a experiência de vida para lidar com conflitos internos não bastavam mais para ameaças que vinham de fora, de uma tribo vizinha, de uma cidade cananéia, ou de filisteus ou mesmo dos povos da Transjordânia (amonitas, moabitas ou edomitas). Uma liderança com habilidades de combate se fazia necessária.

Uma história interessante é a de Jefté (Jz 10,17-18; 11,1-11). Lembra um chefe de hapiru primeiramente excluído de sua aldeia e tribo que é buscado de volta em uma situação de emergência. Os anciãos de Galaad, na Transjordânia vêem sua gente ameaçada pelo povo e reino vizinho dos amonitas. Trata-se de uma tribo ou parte de uma tribo que se encontra em conflito com um reino estabelecido. Só uma liderança forte poderá juntar militantes galaaditas da tribo de Gad para lutar contra o povo vizinho.

Outras vezes é um líder carismático, inspirado por Deus, que se empenha na luta de defesa ou de expansão do território. A guerra é travada em nome de Deus e por isso é guerra de Yahveh.

Como é um procedimento em que se aguarda o espírito divino tomar conta de alguém para fazê-lo líder guerreiro, ele depende do expediente improvisação. O livro Juízes sabe contar histórias de guerreiros e guerreiras (Débora, Barac e Otniel, Aod) festejados como “salvadores” (Jz 3,9) de sua respectiva tribo ou de uma aliança de tribos da vizinhança.

A ameaça parece tornar-se cada vez mais abrangente; o poder dos filisteus com seus carros de guerra dominam grande parte das planícies e ameaçam dominar também a região montanhosa. Por outro lado as tribos das montanhas também querem se expandir em direção às regiões planas. O conflito está dado, ou as tribos se organizam no mesmo nível ou serão tragadas pelos filisteus, os sucessores dos egípcios na região. As tribos sabem de que seu Deus é das montanhas, mas igualmente ativo na guerra. Os primeiros reis parecem ainda herdar algo dos guerreiros carismáticos, como é o caso de Saul, mas precisa da estrutura de um estado com seu braço militar para dar conta dos novos desafios, afirmar-se diante dos filisteus. A monarquia em Israel nasce, mesmo que tardiamente, a partir da vontade ou necessidade de afirmar seu poder primeiramente na região montanhosa. Os povos do mar, os filisteus, pareciam os herdeiros naturais da região, quando a nova grandeza que se chamaria Israel e Judá aos poucos afirma seu poder também sobre parte das cidades e seus territórios da rota litorânea.

Conclusão

Sem dúvida, foi o testemunho de que o Deus das tribos fez subir Israel do Egito, devolveu a liberdade a israelitas, vendidos como escravos e explorados nas grandes obras públicas do império do Nilo (Ex 1,11). Liderados por Moisés, o grupo experimenta sua libertação não como decisão do Faraó, mas como intervenção de seu Deus.

É aí que Israel vê nascer sua confissão básica de fé. O Deus que se manifestou a eles se apresenta como: “Eu sou o Senhor, teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão” (Ex 20,2). Esse credo começa a se impor como núcleo central da fé israelita. É claro que essa expressão de fé facilmente podia ser esquecida. O Antigo Testamento fala dessa luta para preservar a memória desse agir libertador e salvador muito viva. Nos santuários ainda havia outras expressões de religiosidade. A adoração a Ba´al, a deusa Anat, a deusa Asherá também estavam lá. Como terá sido esse encontro entre a antiga religião das cidades cananéias e a religião do Deus das tribos que derrubou o grande Egito? Uma coisa é verdade, cada povo tinha o seu deus e tinha o direito de tê-lo; os amonitas, os moabitas e edomitas na Transjordânia tinham seus cultos a divindades; os filisteus na planície praticavam seu culto nas suas cidades; as cidades cananéias que passaram às mãos de Israel cultivavam a a fé de seus pais e ao mesmo tempo tomavam conhecimento da fé dos israelitas. Desse encontro entre a cultura cananéia urbana e a

cultura israelita nasce a novidade a fé que marcaria o povo do Antigo Testamento.

